

duplo e divergente que “interpretação” tem no lugar nietzschiano mencionado no início da resenha: (a) ler “pela interpretação” ou (b) ler “na interpretação”. Por outras palavras, (a) “ler teologicamente” é ler submetendo o objeto lido a um *a priori* interpretativo que “falsifica”, isto é, pelo qual se faz tudo *pela interpretação*; (b) “ler filologicamente”, por seu turno, é provocar a “boa leitura” *na interpretação*; a filologia de que fala aqui Nietzsche é *ephexis*, termo de cujas diferentes aceções coligidas por Liddell-Scott-Jones se destacam “comprovação”, “ceticismo”, “paragem”, “contenção” ou “detenção”; isto é, a filologia como *ephexis* supõe um *processo* de enfrentamento ao lido cujo *ethos* tem como atributos a “precaução”, a “paciência” ou a “delicadeza”. Ler bem pressupõe, assim, uma cadência, um andamento, um compasso, uma espécie de ‘travagem’. Ler devagar, como formularia Herberto Helder no conhecido poema “Para o leitor ler de/vagar”. Na verdade, também esta é versão de uma fórmula nietzschiana para descrever, precisamente, a filologia... Há, pois, um ritmo na filologia. E é esse o ritmo – cadência, andamento, compasso, espécie de ‘travagem’ – que cada um dos textos de Paula Morão reunidos em *O secreto e o real. Ensaios sobre literatura portuguesa* simultaneamente solicita e impõe ao leitor que o percorra e se adentre nas suas páginas.

Pedro Serra

MEMÓRIAS & SABEDORIAS

JOSÉ PEDRO SERRA, HELENA

CARVALHÃO BUESCU, ARIADNE NUNES,

RUI CARLOS FONSECA (coords.)

Famalicão, Edições Húmus, 2011

544 páginas, ISBN 9789898139894

Tomemos as primeiras linhas do ensaio “A memória que herdámos dos gregos: da Poesia, História e Filosofia” (pp. 331-347), de Martinho Tomé Martins Soares, como possibilidade de formulação de um ponto de partida para o projeto que resultou no volume em apreço: “Duas formas de sabedoria corporizam a memória entre os gregos: a história e a poesia, nas suas mais variadas vertentes. Mas o conceito esteve também na mira do discurso filosófico” (p. 331). História, pensamento e espiritualidade, literatura são, de facto, as pedras de toque desta obra de cunho pluridisciplinar, por vezes até interdisciplinar; e a tentativa de (re)pensar, desde a Antiguidade, a vasta tradição da *memória* e da *sabedoria* constitui o principal propósito do conjunto de ensaios aqui reunidos: vinte e oito deles escritos em português, a que se juntam um em espanhol, um em francês e um terceiro em inglês, quase todos produzidos por investigadores de língua portuguesa (com exceção do de Jean-Marie Flamand sobre Jâmblico e a sua obra sobre filosofia pitagórica), oriundos de diferentes instituições universitárias, mas vinculados, na sua maioria, ao Centro de Estudos Clássicos e ao Centro de

Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Aos dois centros se fica a dever a iniciativa de publicação deste impressionante volume de 552 páginas, em que, partindo de muito antigas tradições (como a egípcia e outras), mas sobretudo das matrizes grega, romana e cristã, se pretende cruzar sobre as indissociáveis questões da memória e da sabedoria os olhares da filosofia, dos estudos sobre tradições religiosas e sapienciais, da História, da linguística e dos estudos literários (contemplando, neste caso, tanto a escrita literária como o património literário oral na relação deste com a sabedoria popular). Memória, acrescenta-se, entendida aqui, para usar as palavras dos coordenadores da edição, “não tanto como instrumento quantitativo ou faculdade de absorção de vários saberes, mas como faculdade qualitativa que possibilita o vínculo a uma decisiva verdade primeira. Ou, no outro pólo, como lugar que torna visível as dificuldades e por vezes mesmo as impossibilidades dessa vinculação” (p. 8).

Tal desígnio determina a organização do volume em quatro grandes apartados: Memória, sabedoria e paradigmas filosóficos; Memória, sabedoria e História; Memória, sabedoria e herança greco-latina; Memória, oralidade e sabedoria popular. De registar, desde já, que os ensaios mais centrados em obras literárias – quase sempre muito enquadradas, elas próprias, seja por paradigmas filosóficos, seja por tradições sapienciais, ou mais diretamente dialogantes com

o devir histórico – se encontram disseminados pelas quatro secções do livro. Alguns exemplos, sem propósito de exaustividade: tanto o estudo de Custódia Alexandra Almeida Martins sobre a presença do pensamento educativo e da memória em *La nouvelle Héloïse*, de Rousseau, como a abordagem comparatista do *Livro de Job*, de *Moby Dick*, de Melville, e de *Mau tempo no canal*, de Nemésio, assinada por Gonçalo Cordeiro, são incluídos na primeira secção. A segunda permite ler, entre outros, um ensaio de Cristina Almeida Ribeiro sobre experiência, memória e sabedoria no *Libro del Caballero Zifar* (séc. XIV) – como lembra a autora, um marco no caminho da prosa castelhana de ficção rumo à autonomia –, e outro sobre a obra de António Lobo Antunes, equacionada por Norberto do Vale Cardoso à luz de elementos da poética da escrita autobiográfica, dos estudos pós-coloniais, mas também de uma tradição sapiencial que passa pelo Padre António Vieira. A terceira integra “A escada de *Electra*: de Sófocles a Richard Strauss”, de Pedro Braga Falcão, além do já mencionado ensaio de Martinho Tomé Martins Soares que analisa a questão da memória em Heródoto e Tucídides, Platão e Aristóteles, mas dando igual relevo a Homero e a Píndaro. Por sua vez, a quarta secção, abrindo com o texto “Romanceiro e memória”, de Pere Ferré, engloba estudos sobre literatura oral tradicional, a que se juntam um trabalho sobre a imagética animal, de raiz esópica, na retórica do discurso

político do orador ático Demóstenes, ou ainda um outro sobre *O Hissope*, de Cruz e Silva, da responsabilidade de Rui Carlos Fonseca, focado na “celebração épica de trivialidades” (p. 533) pela poesia herói-cômica e, entre outros aspetos, na análise de algumas das suas estratégias paródicas. De destacar ainda, na primeira secção, os ensaios de Francisco Serra Lopes (“Transmissores subtis”) e de Ricardo Gil Soeiro (“A sabedoria da incerteza: imaginação literária, utopia pós-metafísica e o riso de Deus”), situados numa zona de confluência da filosofia com as teorias sobre a leitura, o último dos quais deixa ao leitor, no final, uma estimulante hipótese investigativa: “equacionar se, em estreita ligação com a sabedoria da incerteza” (conceito bebido em Kundera) “promovida pela imaginação literária, se poderá inferir uma poética da obrigação, isto é, a capacidade que a obra literária manifesta de ampliar, por intermédio da leitura que dela fazemos, a nossa resposta ética às múltiplas verdades e ambiguidade ínsita à condição humana, alertando-nos assim para a alteridade radical do ‘absolutamente Outro’” (p. 142).

Como advertem, em nota prévia, os coordenadores do volume (José Pedro Serra, Helena Carvalhão Buescu, Ariadne Nunes e Rui Carlos Fonseca), “no Ocidente, a filosofia e a sua história marcam significativamente o modo como “o desejo de saber” se delineou e se expressou, ilustrando as vicissitudes e até o esquecimento dessa original

demanda grega. A procura da sabedoria, porém, é anterior aos gregos e excede os limites da filosofia” (p. 7). Compreende-se assim que marquem forte presença neste volume quer os estudos sobre práticas, doutrinas e “tradições religiosas e sapienciais” (p. 7), algumas delas antiquíssimas (leia-se o longo e erudito ensaio inicial de Carlos H. do C. Silva, ou o de José das Candeias Sales, sobre a sabedoria moral de Petosíris, no campo da egiptologia), quer vários conjuntos de textos situáveis noutras áreas do conhecimento. Destacam-se a filosofia, a filosofia da História e a própria História, enquanto memória, bem como a sabedoria teológica e monástica. Em diversos ensaios, além dos dos autores já mencionados, são eleitas como objetos de revisitação e problematização obras tão diversas como as de Sólon, Pitágoras, Platão, Aristóteles, os neoplatónicos, Cícero, Tácito, Plutarco, Boécio, João Casiano ou ainda, já próximas de nós no tempo, as de Fidelino de Figueiredo e Pierre Hadot, entre outros – nos quais se inclui Matias Viegas da Silva, autor de uma versão do *Pro Archia*, de Cícero, em 1737, analisada por Joana Serafim no único estudo deste volume – o mais linguístico – que incide na área da tradução.

Completam esta visão poliédrica da memória e da tradição sapiencial em diferentes escritas e géneros, os ensaios dedicados à produção medieval. É o caso do de Teresa Amado (“O saber do texto”) em que se analisa o enriqueci-

mento e perpetuação da sabedoria, num arco, por assim dizer, que liga Antiguidade clássica, memória bíblica e Idade Média, em obras como as de Ramon Llull, D. Juan Manuel, D. Duarte ou Fernão Lopes. Merece ainda referência o luminoso texto de José Mattoso sobre a sabedoria medieval que, partindo de Harold Bloom e do seu título *Onde está a sabedoria?* (2008), procede à revisitação de Santo Agostinho, Abelardo, Hugo de S. Victor, S. Tomás de Aquino, Anselmo de Cantuária, Bernardo de Claraval, Boaventura de Bagnoregio (chegando, por intermédio deste, a Francisco de Assis) e João Tauler. Da sua análise, Mattoso conclui: “Não é de admirar que tenhamos de (...) procurar [a sabedoria medieval] sobretudo na literatura espiritual” (p. 196). E acrescenta que “a sabedoria medieval mantém-se sempre, portanto, na convicção de que não pode haver verdadeira sabedoria senão em Deus. Propõe-se chegar a ela pela razão ou pelo amor. Os teólogos preferem a razão, mas os monges e os místicos escolhem, é claro, o afeto. Renova-se, assim, o antiquíssimo debate que opõe a filosofia à poesia.” (p. 197).

Neste tempo de desmemória e de encandeamento acríptico face aos fogos-fátuos do presente, este livro reconduz-nos a matrizes essenciais, propondo uma densa releitura crítica das questões enunciadas, além de se impor pelo enfoque plural, pela qualidade científica dos diferentes contributos e pela pertinência da temática, procu-

rando “olhar a decisiva transfiguração do conhecimento em sabedoria”, como é dito na “Nota prévia” (p. 7), a partir quase sempre da ótica comparatista.

Uma última palavra para assinalar o apurado trabalho de coordenação e de edição deste volume.

José António Gomes

**UM CERTO PUDOR TARDIO: ENSAIO
SOBRE “OS POETAS SEM QUALIDADES”
PEDRO EIRAS**

**Porto, Edições Afrontamento e Instituto
de Literatura Comparada Margarida Losa
(FLUP), 2011**

208 páginas, ISBN 9789723611991

Como os anteriores livros de Pedro Eiras, mas talvez mais ainda, *Um certo pudor tardio* surge-nos penetrado, saturado de cultura. Quantas referências, nomes, títulos e alusões nestas breves duzentas páginas! Breves porque é tal o charme deste passeio através de múltiplas imagens “bibliofilmofotomusicopictowebgráficas” que o leitor esquece a profusão dos conhecimentos para se entregar inteiramente, com o autor, ao gozo do instante, ao instante do gozo.

Mas como, com tantas coisas lidas, vistas, ouvidas, fazer um livro não apenas legível mas deleitável? É toda a arte de uma composição e ao mesmo tempo o efeito de uma nova (?) filosofia da cultura (e da sua prática), estando esta novidade talvez no centro do questio-